

**FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial - Impressos**

Zero, 30 anos: tradição e história

Samuel Lima¹
samuca13@gmail.com

Rogério Christofolletti²
rogerio.christofolletti@uol.com.br

RESUMO

O jornal laboratório ***Zero***, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) completa 30 anos em setembro de 2012. Considerado o produto laboratorial mais importante da matriz curricular do curso, como espaço de formação e experimentação, o jornal está sendo repensado do ponto de vista pedagógico. No contexto de ascensão do novo ecossistema midiático, balizado pela convergência acelerada das mídias digitais com o *modus operandi* industrial, o jornal laboratório da UFSC se reinventa para manter-se relevante e atual.

Palavras-chave: jornal laboratório, mídia impressa, convergência.

O ***Zero*** é um dos mais antigos jornais laboratórios de cursos de Comunicação do Brasil. Surgido em 1982, é o principal produto laboratorial de uma escola cuja identidade pedagógica está integralmente vinculada à formação de novos jornalistas. O curso da Universidade Federal de Santa Catarina vem construindo há décadas uma tradição que advoga a formação superior como fator radical à profissão, e o jornal laboratório sempre teve um papel de destaque nesses esforços.

Professor-adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Pesquisador do objETHOS e professor-visitante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É co-organizador (com Dione Moura e outros) e autor de “*Comunicação e Cidadania: conceitos e processos*” (Francis: 2011). Professor da disciplina *Edição 2*, e um dos responsáveis pelo jornal laboratório ***Zero***.

Professor do Departamento de Jornalismo e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Professor da disciplina *Jornal Laboratório*, e um dos responsáveis pelo ***Zero***.

Desde a primeira edição – à base de datilografia e impressa em tipografia -, o **Zero** foi se colocando como um capítulo importante para o aluno nos quatro anos de duração do curso. A passagem pelo jornal reserva experiências que desafiam futuros repórteres, evoca conhecimentos acumulados até então, mobiliza competências e habilidades, e força um amadurecimento profissional. Para produzir as edições, alunos e professores adotam sistemáticas que reorganizam a sala e transcendem os horários convencionais de aula. É preciso trabalhar em equipe, manusear equipamentos nem sempre em boas condições de uso, atender aos prazos estabelecidos, e – como se fosse pouco! – seguir as regras do jornalismo.

Ao longo dos últimos 30 anos, passar pelo **Zero** tornou-se uma espécie de divisor de águas na formação dos alunos do Jornalismo da UFSC. Lá, eles são testados - como em outras ocasiões -, mas a grife do jornal, sua tradição e o alcance nacional dão à experiência um peso maior, muitas vezes superdimensionado. Construído como produto pedagógico orientado para a formação prática dos alunos, o **Zero** sempre foi um laboratório que simulava as condições do mercado de trabalho, com compromissos próximos da realidade dos profissionais.

Como qualquer jornal laboratório, o **Zero** também passou por diversas fases, alterando projetos editoriais e gráficos, e assumindo as personalidades dos docentes que estiveram à sua frente. O jornal teve experiências radicais, como a que o tornou um diário num curto período ou a que possibilitou a adoção paulatina de cores em suas páginas. Combativo politicamente, o jornal enfrentou a Reitoria da UFSC em várias ocasiões, posicionando-se ao lado dos alunos, contrariando muitas vezes a cartilha jornalística que espera distanciamento e não parcialidade. Criativo, o jornal ganhou prêmios que destacaram reportagens e visual gráfico. Teve também altos e baixos, às vezes oscilando na periodicidade, falhando na apuração, errando e aprendendo, como é natural para um jornal laboratório.

Assumimos o **Zero** no segundo semestre de 2011 sob o signo de três desafios: respeitar um tradição de 30 anos, modernizar o jornal para um novo ecossistema comunicacional e contribuir para o seu aperfeiçoamento. Foi fundamental elaborar um plano estratégico que permitisse a turma (28 repórteres, 4 editores seniores, dois monitores e uma mestranda estagiária de docência) atender ao esperado: produzir quatro edições do jornal no semestre, cumprindo rigorosamente os prazos e com reportagens de qualidade.

O diagnóstico apontava para encaixes constantes do jornal, provocados quase sempre por problemas de distribuição e não cumprimento dos prazos de produção do **Zero**. Notava-se indefinição de público e conseqüente fragilidade nas estratégias para se alcançar o leitor. Era preciso ainda fazer ajustes visuais no produto, e operacionais, redesenhando a estrutura organizacional e implementando um novo fluxo de trabalho.

Em formato tabloide, 16 páginas coloridas e 5 mil exemplares de tiragem, o jornal oferece aos alunos uma rara oportunidade de experimentar todo o ciclo produtivo da reportagem (para impresso), dirigindo-se a um público definido. É oportuno ressaltar que o **Zero** está vinculado a uma disciplina obrigatória (*Jornal Laboratório*), oferecida no 6º semestre, que tem como pré-requisitos *Redação Jornalística 5, Planejamento Gráfico e Edição 1*. Atualmente, a disciplina é oferecida espelhada com *Edição 2* (optativa), permitindo que os estudantes possam se concentrar durante dois períodos (manhã e tarde).

Para melhor orientar a execução da proposta, organizamos o *Manual de Produção* (ZERO, 2011), documento com as concepções e procedimentos editoriais, passando por recomendações de caráter ético e regras gerais de estilo. O *Manual* (2011) foi apresentado em sala de aula como uma espécie de “guia”, discutido, criticado e aprovado pela turma, formalizando-se um pacto de trabalho entre todos.

Propusemos sucintamente: “O **Zero** aproveita o legado de boas práticas acumuladas em três décadas e concentra energia em três frentes para se renovar: a) público-alvo; b) reorganização de seu conteúdo; c) preparação para a implementação do **Zero Convergência**”. Do ponto de vista de conteúdo editorial, dialogando com a opção de público (universitários de 17 aos 29 anos), o *Manual* contemplava ainda uma redistribuição das matérias em novas editoriais: *República* (voltada à vida universitária), *Jornada* (dirigida à carreira, empregabilidade e atuação profissional), *Oxigênio* (Cultura, Variedades e Espetáculos), *Conexões* (ligando o leitor a outras manifestações da vida social, como política, ciência, religião e educação), *Habitat* (sobre meio ambiente, vida urbana e espaço), *Corpus* (sobre saúde, estética e cuidados pessoais) e *Tendências* (com modismos, vanguardas e novidades).

As mudanças propostas aparecem com vigor já na primeira edição do jornal, em setembro de 2011. Com matéria de capa sobre a greve dos servidores da

Como este projeto ainda está em execução no curso, não o abordaremos neste relato.

universidade, que se arrastava por mais de três meses, o **Zero** investigou números, ouviu grevistas, gestores e a comunidade universitária, abordando uma questão de fundo: “Quem lucra e quem perde com a paralisação?”. Outro destaque foi a entrevista com o governador Raimundo Colombo, a primeira que concedeu em sua gestão a um jornal impresso. A entrevista pingue-pongue, em profundidade, passaria a ser seção fixa, em duas páginas do **Zero**.

Outra inovação implementada foi a criação da coluna do *Ombudsman*, pela primeira vez na história do jornal laboratório. O crítico, que defende os interesses dos leitores, atuou com plena autonomia político-pedagógica. Coube ao professor Ricardo Barreto, que fora editor-chefe do **Zero** em 15 dos seus 30 anos de circulação, essa função, assumida em 2012 pelo professor Bernardo Kucinski, professor visitante da UFSC no período.

Na edição seguinte (outubro/2011), uma reportagem investigativa ganhou a capa, abrindo uma pequena crise política no processo sucessório à prefeitura de Florianópolis. Sob o título “*Irregular: órgãos municipais permitem construções irregulares em área de proteção ambiental*”, a matéria ouvia e confrontava as versões de autoridades ligadas ao poder público municipal, suspeitas de omissão e conivência com a invasão de áreas públicas de proteção ambiental, no Sul da Ilha de Santa Catarina, transformando as praias em propriedade privada.

A edição de novembro foi temática, sobre a eleição para reitor na UFSC, demandando da equipe ouvir todos os candidatos ao cargo, destrinchar os principais desafios da futura gestão e ainda resgatar episódios históricos de gestores do passado. Fechando o semestre, o número 4 (dezembro) voltava sua atenção e olhares para “*Florianópolis vista do Morro*”. A reportagem principal recolhia histórias de vida e imagens da comunidade do Monte Serrat, no centro da cidade. Trazia ainda na capa a chamada histórica com o resultado da eleição para reitor: “Com 52,47% dos votos, Roselane Neckel é a primeira reitora da UFSC”.

Uma definição clássica, referenciada na teoria do *newsmaking*, vai dizer que “notícia é uma representação social da realidade cotidiana, um bem público, produzido institucionalmente, que submetida às práticas jornalísticas possibilita o acesso das pessoas ao mundo dos fatos” (Vizeu, 2007: p. 223). Traduzindo para um contexto de jornal laboratório, esse conceito de notícia ganha um contorno político-pedagógico, com um viés institucional claro: simular o mercado, sem as pressões

políticas e corporativas que o corroem por dentro, tensionando na direção das experimentações possíveis em termos de conteúdos e linguagens.

O labor de um semestre é ainda muito incipiente para permitir generalizações que o campo da teoria e dos saberes pedagógicos exige. Contudo, algumas indicações podem ser feitas à guisa de suscitar o debate sobre esse renovado papel do jornal laboratório impresso pode oferecer à formação dos futuros profissionais.

Em primeiro lugar, destaca-se a função aglutinadora da escolha do público-alvo. No caso do **Zero**, teve alto impacto nas escolhas de pauta, na organização das editorias e, de maneira mais relevante, na linguagem. Em contraponto a essa “audiência presumida”, Vizeu (2007) vai lembrar que o “profissional, em geral, se sente autossuficiente e imagina que seu interesse é o de informar, indiferentemente às expectativas e desejos do público” (p. 229). A escolha do público orienta a produção do jornal em todos os momentos do processo.

Em segundo lugar, as rotinas produtivas da reportagem para o formato impresso continuam sendo uma referência de formação de repórteres, com capacidade de apuração e produção textual para quaisquer outros suportes. A velha “escola” do impresso se mantém atualíssima, nesse sentido, no alvorecer do século 21.

Em terceiro, o resgate de um elemento angular da produção jornalística, o *deadline*, se impõe como necessidade fundamental em torno da qual, tanto no mercado quanto no jornal laboratório, é possível organizar um planejamento das edições e gerir o fluxo de trabalho: da reunião de pauta, passando pelas orientações ao processo de apuração/produção das reportagens, o exercício de edição coletiva e fechamento, passando depois pelo prazer de distribuir o jornal.

Nessa perspectiva, o espaço de formação profissional e experimentações de diversas ordens (das linguagens aos formatos), oferecido pelos jornais laboratórios se mantêm atual e relevante no ensino do jornalismo, no alvorecer dos novos modelos de negócios que irão sustentar a chamada convergência digital.

Referências

- LIMA, Samuel. **O futuro da mídia impressa na sociedade da informação**. In MOURA, Dione; LIMA, Samuel e.a. (Orgs.). **Comunicação e cidadania: conceitos e processos**. Brasília, Francis, 2011.
- VIZEU, Alfredo. **O newsmaking e o trabalho de campo**. In LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- ZERO. **Manual de Produção**, versão 2011. Florianópolis: Curso de Jornalismo, 2011